



Revista APMED - Volume 1 - Número 1 - Julho de 2022

---

## **CABACEIRAS E OUTRAS MEMÓRIAS**

Carlos Candeia

Escritor e Médico Reumatologista

Cabaceira não era um vaqueiro tradicional, desses de sair encourado para se embrenhar na garrancheira do mato fechado à procura de rês perdida. Era vaqueiro de curral, de arriar as vacas, de tratar bicheira, de cuidar do oca em chifre de animal, de botar ração, de ferrar gado, essas coisas. Essa era a rotina e a obrigação que vinha da raiz dos seus pais. Assim foi e assim continuou sendo, conformado que era com a vida e com a submissão do que chamava de destino. Por isso, o olhar sem brilho, o riso sem graça, quase esgar; e a cabeça baixa. Assim era a vida severina, dia após dia, sem novidades, os meninos e a mulher na apanha de algodão e no trato da subsistência do feijão e do milho. Coisa pouca, de lucro um silo ou dois na sala de casa. Final de ano, cortes de tecidos, sapatos, pagar a bodega quando tinha saldo na meia de roçado ou apurado em alguma criação .

A alegria era na tarde de algum domingo, em conversa com companheiros de eito; a cachaça escoteira, engolida apenas com a música da contração do orbicular da boca, como os saxofonistas. Habitava no arruado das casas de moradores, à esquerda da casa grande, no alinhamento do redil, do curral e do armazém; em frente a um grande pátio com um cimentado para depósito de caroço de algodão e balança para pesar os fardos. A bolandeira na Quixaba Velha deixava tudo pronto, ensacado e com destino para venda e comércio; o caroço era para o gado, melhorar o leite das vacas, não se falava

em óleo, nem em torta, às vezes se queimava tinha pouco valor . À direita, mais adiante , na curva de acesso à vereda para a Serra das Preacas , uma capela abandonada que nos metia medo , mesmo nas manhãs , dia claro , quando vínhamos do açude com as ancoretas com água para o gasto da casa. Ouvia-se um choro , era o que diziam . Passávamos correndo.

Final do dia , quando as obrigações permitiam , chegavam os moradores aos poucos , para a calçada alta da última casa , sentavam-se para fechar os assuntos do dia que começava a escurecer , lavar os pés , passar caco de telha nos pés ; só não podia sentar na pedra de amolar porque 'dava cabeça de prego'. Completando o quadrado físico, o corredor de entrada, a capela, a casa grande e os currais com a sequência da casa dos moradores e o armazém; no meio a enorme balança e o cimentado com o monte de caroço de algodão. Dentro do armazém, a presença da bolandeira dando vida econômica à cultura do algodão. Instantes fixados em minha mente de adolescente em férias, tatuagens afetivas e permanentes da rotina do curral, da casa grande, de tudo.

Cabaceira era parte disso, sendo relicário de estremecidas emoções da vida inteira, cuja figura que teimava em ser inexpressiva era demonstração de simplicidade, despojamento e falta de ambição; no entanto guardo dele o olhar faiscante do sonhador que procurava amizade e paz. Morreu de morte súbita. Era chagado.

Com ele morreu tudo, os currais, o armazém, a grave bolandeira , a grande balança e o monte de caroço no pátio varrido pela poeira do tempo . Dizem que ainda ouve-se o choro de alguém ao passar nos escombros do que era a capela. Foi o que ficou. Melhor passar correndo.